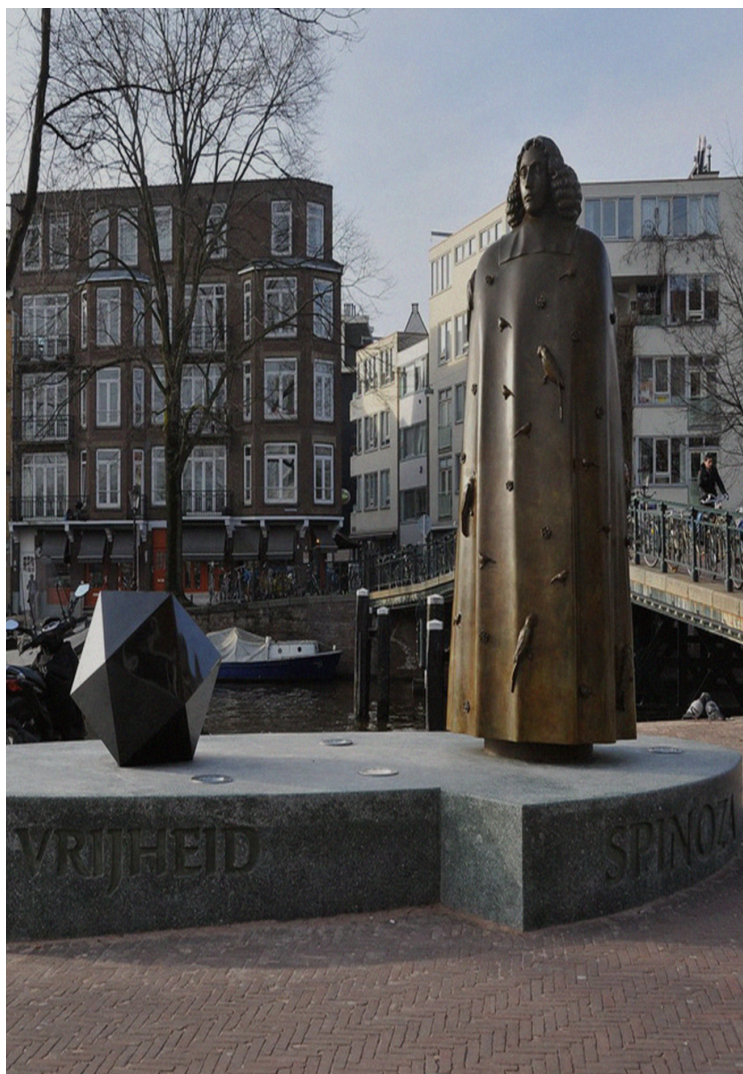


Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 35 jul-dez 2016 ISSN 1413-6651

IMAGEM O MONUMENTO A ESPINOSA está situado em Zwanenburgwal, o local de nascimento do filósofo, na cidade de Amsterdã. O monumento inclui a estátua do próprio autor, um icosaedro (um sólido geométrico de vinte faces) e, grafados na base do conjunto, a frase “O objetivo do estado é a liberdade” e o nome do filósofo. Ele foi inaugurado em 2008 e sua autoria é do artista Nicolás Dings.

JORNADA DE ESTUDOS EM HOMENAGEM
À MARILENA CHAUI

Nos dias 27 e 28 de setembro de 2016, por ocasião do lançamento do segundo volume de *A Nervura do Real*, de Marilena Chaui, aconteceu no Departamento de Filosofia da FFLCH/USP a Jornada de estudos em sua homenagem. Evento que, tomando como referência a produção intelectual da professora Marilena, contou com a exposição de trabalhos de professores, alunos, orientandos e ex-orientandos da homenageada. Além destes, o evento contou com a presença de amigos e demais admiradores do seu trabalho. O objetivo da jornada e, conseqüentemente, dos trabalhos apresentados nesses dois dias, foi fornecer um panorama geral da obra de Marilena Chaui, elucidando possíveis interpretações, desdobramentos e abrangência aí presentes, bem como a importância e a influência de suas reflexões, dentro e fora da academia, nos campos filosófico, político e cultural.

A NERVURA DO REAL: IMANÊNCIA E
LIBERDADE EM ESPINOSA, VOL. II.

Marilena Chaui

Ed. Companhia das Letras

O livro completa o percurso de *A Nervura do real*, iniciado com o estudo da ideia espinosana de imanência e concluído, agora, com a demonstração de que a imanência de Deus à Natureza não impede, mas é a condição para a existência dos seres singulares, e que a necessidade não impede, mas define a realização da liberdade, em cujo centro está a definição do ser humano singular como união da potência do corpo e da mente para a pluralidade simultânea de afetos e ideias. Somos livres não quando imaginamos escolher voluntariamente entre possíveis, mas quando não somos passivamente determinados por forças externas. Somos livres quando ativamente dispostos por nossa potência como causa interna necessária do que sentimos, pensamos e fazemos. Livres, sabemos não apenas que somos uma parte singular do ser absolutamente infinito. Mais: porque ele se exprime em nós e nós o exprimimos, também tomamos parte em sua atividade necessária e infinita, nervura do real.

EXISTÊNCIA E ETERNIDADE EM LEIBNIZ E ESPINOSA

Luís César Guimarães Oliva

Discurso Editorial

Como o filósofo da razão suficiente, garantidor da ordem necessária do universo, poderia introduzir a ideia de possíveis não existentes e, com eles, a contingência? Como o filósofo da necessidade absoluta e da imanência da substância a todos os modos poderia propor a ideia de modos inexistentes sem introduzir o possível e o contingente no seio do necessário? Eis os enigmas que Luís César Oliva se dispõe a decifrar no pensamento de Leibniz e de Espinosa. Tomando o núcleo das duas filosofias – a existência e a eternidade –, a estratégia da interpretação é instigante: acompanha o trabalho do pensamento no embate com dificuldades suscitadas pelo próprio percurso de cada um dos filósofos, buscando soluções ou reconhecendo aporias inevitáveis [...]. Com clareza, estilo refinado e rigoroso, este livro enfrenta consagradas tradições interpretativas sobre o pensamento de Leibniz e Espinosa, mostrando seus limites e equívocos. A crítica a Adams e a Russel, no caso de Leibniz, e a Guérault, Mathéron e Rousset, no caso de Espinosa, são preciosas, indicando um intérprete que não cede ao instituído. A prova disso está na determinação de novas chaves de leitura: no caso de Leibniz, a correspondência com Arnauld e, no caso de Espinosa, uma ideia nunca trabalhada pelos comentadores, a de contemplação.